

REFLEXÃO TEÓRICA ACERCA DA ETNOGRAFIA NO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

Tali Veloso de Moraes Costa¹, Yákara Vasconcelos Pereira², José Roberto Ferreira Guerra²

¹*Mestranda do Programa de pós-graduação em Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil (tali.veloso@ufpe.br)*

²*Professores doutores do Departamento de Ciências Administrativas e do Programa de pós-graduação em Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil*

Resumo: O presente artigo possui caráter teórico e tem como objetivo analisar a utilização da pesquisa etnográfica em estudos realizados no âmbito do turismo de base comunitária (TBC). No intuito de alcançá-lo, realizou-se uma revisão de literatura. Os resultados obtidos envolvem a forma de escrita escolhida para a construção dos textos revisados, as justificativas dos pesquisadores para a escolha do uso da etnografia em seus estudos, bem como os métodos selecionados para complementá-la.

Palavras-chave: pesquisa etnográfica; turismo; turismo de base comunitária

INTRODUÇÃO

Ao examinar a etimologia da palavra Etnografia, cuja origem é grega, tem-se a compreensão de que essa se refere à descrição dos hábitos e da cultura de um grupo de pessoas, podendo-se dizer povo, que convive em sociedade (Vidich; Lyman, 2000; Angrosino, 2009). Nascida a partir da antropologia, a etnografia surge em um contexto de curiosidade, por parte de intelectuais, viajantes e exploradores ocidentais dos séculos XV e XVI, sobre sociedades consideradas por esses como sendo menos civilizadas, devido ao estilo de vida diferenciado que viviam (Vidich; Lyman, 2000; Martínez; Alcará; Monteiro, 2019).

A pesquisa etnográfica então, pautada na investigação de grupos humanos, vem como uma ferramenta de estudo que, como explicado por Leal (2016), reúne diferentes metodologias de observação. O indivíduo que aplica essas metodologias é reconhecido como etnógrafo, o qual se insere no cotidiano do grupo que deseja estudar com a finalidade de identificar padrões e compreender o meio de vida (Angrosino, 2009).

Citado como um dos mais influentes exemplos de antropólogo social (Angrosino, 2009), por ter publicado a obra Argonautas do Pacífico Ocidental, a qual foi descrita por Oliveira (1996) como clássica, Bronisław Malinowski, enquanto etnógrafo, comenta a importância da honestidade nos relatos dos autores que utilizam a etnografia na elaboração de seus textos. Para o autor, parte de seus antecessores assumiram condutas manipulativas no tocante aos procedimentos metodológicos e seus resultados, utilizando de generalizações e não contextualizando as condições dos momentos de coleta (Malinowski, 1978).

Ainda assim, anos após suas contribuições acadêmicas, o grau de objetividade empregada em seu trabalho é questionado por autores como Oliveira (1996) e Angrosino (2009), uma vez que, como explicado por esse primeiro autor, sua posição de entrevistador ocidental exercia uma espécie de poder em relação aos nativos, impossibilitando o estabelecimento de uma relação que o diálogo fosse efetivo e, como explicado por Angrosino (2009), seu longo período de imersão, que acabou por durar quatro anos, trouxe mais subjetividade às suas análises.

Relacionado ao contexto de visitação e intercâmbio cultural, introduz-se o turismo de base comunitária (TBC), o qual também pode ser conhecido como turismo comunitário ou turismo de base local. Esse consiste em uma maneira de turismo planejada de forma colaborativa, com a presença de pessoas da comunidade, visando o desenvolvimento sustentável da atividade e do meio onde está sendo realizada. No Brasil, essa prática nasce majoritariamente em meios onde a população adquire sua subsistência de atividades produtivas tradicionais, e os quais possuem ecossistema diverso (Mendonça; Moraes, 2012). Em pesquisas que tenham como foco a realização do turismo de base comunitária em determinadas localidades, pode-se utilizar da etnografia como uma ferramenta para inserir o pesquisador no campo e observar, em caráter participante, como se dá o acontecimento dessa atividade socioeconômica. Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo analisar a utilização da pesquisa etnográfica em estudos realizados no âmbito do turismo de base comunitária.

MATERIAL E MÉTODOS

A fim de criar um referencial teórico acerca da pesquisa etnográfica, fez-se uma leitura preliminar de obras clássicas e introdutórias, reunindo informações relacionadas às suas características e ferramentas. No intuito de alcançar o objetivo de analisar a utilização da pesquisa etnográfica em estudos realizados no âmbito do turismo de base comunitária, realizou-se uma busca na plataforma do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Brasil, uma vez que essa fornece acesso a textos completos de mais de 38 mil periódicos, e 396 bases de dados de conteúdos variados (Capes, 2020).

Buscando-se por artigos e utilizando a string: ("pesquisa etnográfica" OR "método etnográfico" OR "etnografia" OR "etnográfico" OR "etnográfica") AND ("turismo de base comunitária" OR "turismo comunitário"), foi possível chegar ao resultado de vinte e um textos. Desse número, selecionou-se os doze correspondentes aos artigos revisados por pares e, após a exclusão de duas duplicatas, obteve-se o total de dez textos para análise do presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo como ponto de partida as explicações expostas por autores como Angrosino (2009) e Vidich e Lynman (2000), comprehende-se que, a princípio, a etnografia era utilizada para o estudo sobre povos isolados até então desconhecidos pelos estudiosos do ocidente, e cujo modo de vida causava estranhamento. Com o passar do tempo, os grupos observados se tornaram mais definidos, utilizando-se de determinados fatores que os unissem de acordo com o interesse de pesquisa do antropólogo, citam-se como exemplos raça e classe social (Angrosino, 2009).

Foi por meio das mudanças ocorridas no âmbito da antropologia que a pesquisa etnográfica passou a ser mais amplamente utilizada além de seu foco inicial, o qual, até então, costumava envolver a presença do pesquisador em convívio direto com populações indígenas. No Brasil, por exemplo, observou-se que as mudanças ocorridas no cenário político, especialmente no final da década de 1960 e no início da década de 1970, impactaram de forma expressiva o modo de vida da sociedade, transformando os centros urbanos e evidenciando a necessidade de estudos que compreendessem e explicassem os hábitos dos seus grupos de moradores (Magnani, 2009).

Magnani (2009) acrescenta que, a partir dos anos 2000, vê-se o uso da etnografia ultrapassar a academia e chegar ao mercado por meio da contratação de antropólogos que realizavam pesquisas etnográficas, uma estratégia empresarial utilizada por áreas como marketing, com o objetivo de alcançar mais compreensão do comportamento do consumidor.

No tocante às percepções do etnógrafo acerca do povo observado, afirma-se que os valores e a intuição do pesquisador se deixaram transparecer em suas palavras a partir do que se escolhe ver e registrar, no entanto, faz-se necessária uma separação compreensível, na construção do texto, no que se refere às falas das pessoas do grupo estudado e às análises do autor sobre elas (Malinowski, 1978; Vidich; Lyman, 2000).

Os registros etnográficos podem usufruir de diferentes aparatos, mas no tocante à modalidade de escrita, um dos recursos mais utilizados é o diário de campo. Para Zaccarelli e Godoy (2010), diários são formas de documentação de configurações da vida, preenchidos no intuito de analisar experiências vivenciadas no contexto observado. Enquanto ferramenta etnográfica, o diário de campo consiste na junção organizada das informações previamente escritas no caderno de campo, o qual, por sua vez, acompanha o etnógrafo em seus momentos de observação e interação no campo, com a função de registrar rascunhos (Leal, 2016).

No intuito de produzir tal relato escrito, sugere-se o alinhamento de três passos apresentados por Oliveira (1996): olhar, ouvir e escrever. Na visão do autor, esses passos se complementam na produção do trabalho, mas cada um possui suas particularidades, com o primeiro -o olhar- e o segundo deles -o ouvindo- realizados ainda no momento do campo, enquanto o etnógrafo encontra-se em meio à comunidade observada, analisando suas interações e tendo diálogos com componentes do grupo, e o escrever, considerado mais crítico das três etapas, sendo realizado após o retorno do pesquisador para o seu cotidiano (Oliveira, 1996).

No que diz respeito à linguagem, evidencia-se o uso da escrita na primeira pessoa nas publicações nas quais a etnografia é escolhida como procedimento metodológico. Tal situação ocorre pois utiliza-se dos relatos realizados nos cadernos e diários de campo para a construção de uma narrativa, geralmente em formato de prosa, que transmite a vivência cotidiana do grupo escolhido como objeto de estudo (Angrosino, 2009).

Após leitura e análise dos dez artigos coletados por meio de busca na plataforma do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) do Brasil, identificou-se inicialmente que: seis, em idioma português, foram publicados em revistas nacionais, e quatro foram publicados em revistas internacionais, com três sendo em idioma espanhol e um em idioma inglês. Como apresentados na Tabela 1, verifica-se que o período de publicação dos artigos coletados data dos últimos dez anos, com o mais antigo tendo sido publicado no ano de 2014 e os mais recentes no ano de 2023.

| Título do Artigo | Autores | Revista | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | | | 2014 |
| Turismo comunitário, tradicionalidade e reserva de desenvolvimento sustentável na defesa do território nativo: aventureiro-Ilha Grande/RJ | FERREIRA, Helena Catão Henriques | Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo - RBTUR | VARGAS, Martha Raquel Padilla |
| | | | 2021 |
| Conflitos e possibilidades para um desenvolvimento do turismo de base comunitária na Vila de Barra do Una em Peruíbe (SP) | FERREIRA, Paulo Tácio Aires; RAIMUND O, Sidnei | Caderno Virtual de Turismo | BOCIC, Nicolás Espina; ARTEGA, Luz de Medeiros; Prisma Social |
| Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso | MORAES, Camila | Plural | CERÓN, Jorge Gardaix; PÉREZ, Francisca Marín |
| | | | Reflexões Sobre o Turismo de Base Comunitária e os Povos Indígenas à Luz do Caso Pataxó (Bahia, Brasil) |
| O turismo é uma dádiva? Uma “etnografia das trocas” e a oferta da experiência “chamada” Turismo de Base Comunitária em Anã/Santarém/Pará | ASSIS, Giselle Castro de.; PEIXOTO, Rodrigo Corrêa D | Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo - RBTUR | NEVES, Sandro Campos Revista Turismo em Análise - RTA |
| O valor da visita em uma ação de visitação: turismo de base comunitária, dinheiro e filosofia política sertaneja | CERQUEIR A, Ana Carneiro | Anuario Antropológico | 2022 |
| La diversidad cultural y su impacto en el turismo comunitario de la Región Andina | ROMERO, Esther del Carmen Mullo; | Siembra | AGUILAR, Gloria Guadalupe García; SERRANO-BARQUÍN, Rocío del Carmen; PALMAS-CASTREJÓ N, Yanelli Daniela; RAMÍREZ-HERNÁND EZ, Omar Región y Sociedad |

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| | Ismael |
| | 2023 |
| Livelihood alterations and Indigenous Innovators in the Ecuadorian Amazon | <p style="text-align: center;">LALANDE R, Rickard; LEMBKE, Magnus; PORISANI, Juliana</p> <p style="text-align: center;">Alternautas</p> |

Ao analisar a utilização da pesquisa etnográfica nos estudos citados, destaca-se, primeiramente, as formas de escrita escolhidas pelos autores. Comumente dá-se predileção ao uso da primeira pessoa, uma vez que os dados apresentados costumam partir dos relatos anotados e narrados pelo pesquisador durante a realização da pesquisa de campo. Corroborando com tal afirmação, pode-se citar autores como Moraes (2016) e Cerqueira (2019), que, em seus estudos sobre o turismo de base comunitária em favelas do Rio de Janeiro e no Território Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, respectivamente, apresentam em seus textos o uso dessa forma de escrita desde a introdução.

Porém, identificou-se também o relato dos achados escrito inteiramente na terceira pessoa, tendo-se como exemplo Neves (2021), que o fez ao comentar sobre a implementação e a prática do turismo de base comunitária (TBC) entre povos formados por índios Pataxó da aldeia de Coroa Vermelha em Santa Cruz Cabrália - Bahia. Já alguns autores, como o caso de Ferreira e Raimundo (2016), fazem uso de ambas formas, introduzindo o tema do turismo de base comunitária (TBC) na Vila de Barra do Una (SP) com o referencial teórico na terceira pessoa, e trazendo os relatos das observações na primeira pessoa. Como summarização do que foi dito, apresenta-se a Tabela 2 a seguir.

Tabela 2. Escrita dos artigos analisados e autores em ordem alfabética.

| Escrita | Autores |
|-----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Primeira Pessoa | <p>ASSIS; PEIXOTO (2019); CERQUEIRA (2019); FERREIRA; RAIMUNDO (2016); LALANDER; LEMBKE; PORISANI (2022);</p> <p>MORAES (2016); ROMERO; VARGAS (2019)</p> |
| Terceira Pessoa | AGUILAR; SERRANO-BARQUÍN; |

PALMAS-CASTREJÓN;
RAMÍREZ-HERNÁNDEZ (2022);
BOCIC; ARTEGA; CERÓN; PÉREZ
(2021); FERREIRA (2014);
FERREIRA; RAIMUNDO (2016);
NEVES (2021)

Além da escrita, em segundo momento notou-se as justificativas para a escolha do uso desse modo de pesquisa. Como explicado por Ferreira e Raimundo (2016), ao optar pelo emprego da etnografia, foi capaz de compreender de forma integral a área selecionada para estudo, abrangendo: conflitos sociais, políticos e territoriais. Assis e Peixoto (2019) acrescentam que, para o campo, optar pela etnografia permitiu a apreensão do conhecimento acerca da comunidade de Anã - Pará, bem como dos agentes externos.

No que diz respeito aos métodos empregados em cada estudo, observou-se a combinação de ferramentas comuns à pesquisa etnográfica, como a observação participante (Aguilar et al., 2022) e o uso de diário de campo (Moraes, 2016), e de outros métodos como a pesquisa documental (Romero; Vargas, 2019), a pesquisa bibliográfica (Ferreira; Raimundo, 2016), entrevistas (Aguilar et al., 2022; Assis e Peixoto, 2019; Ferreira, 2014; Lalender et al., 2023), grupo focal (Bocic et al., 2021) e a análise de discurso (Moraes, 2016).

CONCLUSÃO

Por meio da leitura preliminar realizada para a construção do referencial teórico deste artigo, notou-se que as obras clássicas e os artigos científicos escritos no campo da antropologia, e que utilizaram a etnografia em suas pesquisas de campo, fazem uso da primeira pessoa nas estruturas dos textos em sua totalidade. No entanto, a partir da análise no presente estudo, observou-se que em parte das pesquisas feitas no campo do turismo de base comunitária (TBC) há publicações escritas exclusivamente na terceira pessoa, o que de forma alguma faz com que essas percam a capacidade de detalhar com riqueza de detalhes as observações realizadas pelos seus autores, ou deixem de possuir forte tom de criticidade, assim como àquelas escritas em primeira pessoa.

Ademais, no tocante a outras possíveis diferenças encontradas entre a utilização da pesquisa etnográfica no âmbito do turismo, mais especificamente no de base comunitária, e a utilização em demais campos onde essa é empregada -como, a exemplo, antropologia ou marketing-, as mesmas não foram identificadas. Evidencia-se, apenas que, assim como ocorre em outros âmbitos, o emprego da etnografia agrega positivamente na etapa de coleta de dados, por

permitir impressão do pesquisador, bem como maior compreensão do contexto observado.

Em relação às limitações, cita-se a busca exclusiva em apenas um portal de periódicos, o período em que essa investigação foi feita (maio de 2024), e a escolha específica por artigos revisados por pares em meio a outras produções textuais (como livros, por exemplo). Acredita-se que, a pesquisa nos demais portais, em períodos futuros e abrangendo mais estudos na área pode resultar em um número diferente de achados. Dessa forma, como indicação de pesquisas futuras, sugere-se a realização de novas revisões, partindo da leitura em outros idiomas (além de português, espanhol e inglês já abrangidos no presente estudo) e focadas na utilização de pesquisa etnográfica em mais segmentos da área do Turismo. Uma vez que o uso de tal método se provou positivo, sugere-se também o uso em mais estudos empíricos no setor turístico.

AGRADECIMENTOS

Ao apoio financeiro para o desenvolvimento deste trabalho, oferecido pelo órgão de fomento Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES) por meio da bolsa de demanda social concedida.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Gloria Guadalupe García; SERRANO-BARQUÍN, Rocío del Carmen; PALMAS-CASTREJÓN, Yanelli Daniela; RAMÍREZ-HERNÁNDEZ, Omar Ismael. Turismo comunitario y patrimonio cultural desde la percepción de los residentes: Zacualpan de Amilpas, Morelos. *Región y Sociedad*, n. 34, p. 1-22, mar. 2022.

ANGROSINO, M. V. Etnografia e observação participante. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ASSIS, Giselle Castro de.; PEIXOTO, Rodrigo Corrêa D. O turismo é uma dádiva? Uma “etnografia das trocas” e a oferta da experiência “chamada” Turismo de Base Comunitária em Aná/Santarém/Pará. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo - RBTUR*, São Paulo, v. 13, n.2, p. 140-160, maio-ago. 2019.

BOCIC, Nicolás Espina; ARTEGA, Luz de Medeiros; CERÓN, Jorge Gardaix; PÉREZ, Francisca Marín. Modelos de gestión en turismo comunitario: un caso emergente de resistencia en Valparaíso. *Prisma Social*, n.35, p. 165-183, out. 2021.

CAPES. Quem somos, 2020. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>. Acesso em: 2 maio. 2024.

CERQUEIRA, Ana Carneiro. O valor da visita em uma ação de visitação: turismo de base comunitária, dinheiro e filosofia política sertaneja. *Anuário Antropológico*, Brasília, v. 44 n. 2, p. 281-304, 2019.

FERREIRA, Helena Catão Henriques. Turismo comunitário, tradicionalidade e reserva de desenvolvimento sustentável na defesa do território nativo: aventureiro-Ilha Grande/RJ. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo - RBTUR*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 361-379, maio-ago. 2014.

FERREIRA, Paulo Tácio Aires; RAIMUNDO, Sidnei. Conflitos e possibilidades para um desenvolvimento do turismo de base comunitária na Vila de Barra do Una em Peruíbe (SP). *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 150-167, ago. 2016.

LALANDER, Rickard; LEMBKE, Magnus; PORSANI, Juliana. Livelihood alterations and Indigenous Innovators in the Ecuadorian Amazon. *Alternautas*, v. 10, n.1, p. 94-125, jul. 2023.

LEAL, João. Diários de campo: modos de fazer, modos de usar. In: ALMEIDA, Sônia Vespeira de; CACHADO, Rita Ávila (Org.). Os arquivos dos antropólogos. Lisboa: Palavrão, Associação Cultural, p. 143-154. 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul-dez. 2009.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTÍNEZ, Luis Carlos Pérez; ALCARÁ, Adriana Rosecler; MONTEIRO, Silvana Drumond. A etnografia na Ciência da Informação: um método para espaços virtuais. *Encontros Bibli*: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 24, n.56, p. 1-23, set. 2019.

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda; MORAES, Edilaine Albertino de. Reflexões emergentes sobre turismo de base comunitária, à luz da experiência no "Paraíso Proibido": Vila do Aventureiro, Ilha Grande, Brasil. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, Aveiro, v. 2, n. 17/18, p. 1169-1183, maio. 2012.

MORAES, Camila. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. *PLURAL*, São Paulo, v.23, n.2, p.65-93, 2016.

NEVES, Sandro Campos. Reflexões Sobre o Turismo de Base Comunitária e os Povos Indígenas à Luz do Caso Pataxó (Bahia, Brasil). *Revista Turismo em Análise - RTA*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 413-430, maio-ago. 2021.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

ROMERO, Esther del Carmen Mullo; VARGAS, Martha Raquel Padilla. La diversidad cultural y su impacto en el turismo comunitario de la Región Andina. Siembra, v. 6, n. 1. p. 85–92. 2019.

VIDICH, Arthur; LYMAN, Stanford. Qualitative Methods: Their History in Sociology and Anthropology. In: Denzin, Norman K; Lincoln, Yvonna S. Handbook of Qualitative Research. 2. ed. SAGE Publications, p. 23-44. 2000.

ZACCARELLI, Laura Menegon; GODOY, Arilda Schmidt. Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. Cadernos Ebape. BR, v. 8, n. 3, p. 550-563, 2010.